

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

**Área Temática: Agro-Bioenergia
Período de Análise: janeiro de 2011.**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Site eletrônico do MDS
Site eletrônico do MDA
Site Eletrônico do MMA
Site eletrônico do INCRA
Site eletrônico da CONAB
Site eletrônico do MAPA
Site eletrônico da Agência Carta Maior
Site Eletrônico da Fetraf
Site Eletrônico da MST
Site Eletrônico da Contag
Site Eletrônico Biodiesel Br
Site Eletrônico da CNA
Site Eletrônico da CPT
Revista Isto é Dinheiro Rural
Revista Globo Rural
Agroanalysis
Carta Capital
Biodiesel Br

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL.....	3
Biodiesel	3
Mistura eleva preço do diesel, diz entidade - RODRIGO VARGAS – Folha de São Paulo – Mercado – 18/01/2011	3
ETH e Fapesp fazem parceria para realizar pesquisa em energia limpa – Folha de São Paulo – Mercado – 19/01/2011	4
Etanol.....	4
Volume de cana processada no centro-sul fica abaixo do previsto – Folha de São Paulo – Mercado – 19/01/2011	4
Vacas leiteiras podem ajudar na produção de biocombustíveis – Luiz Gustavo Cristiano – Folha de São Paulo – ciência – 31/01/2011.....	5
Petrobras quer mais Tupi – Claudio Grandiole - Isto É Dinheiro – 07/01/2011	5
Uma safra de cana ainda mais magra - Fabiana Batista - Valor Econômico – Agronegócios – 19/01/2011.....	11
Custo da cana varia até 41% em São Paulo - Fabiana Batista - Valor Econômico – Agronegócios – 26/01/2011	11
POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS.....	13
Biodiesel	13
Biodiesel já poupa divisas de US\$ 1,4 bi - Mônica Scaramuzzo - Valor Econômico – Capa – 27/01/2011	13
Consumo de biodiesel cresce no país - Mônica Scaramuzzo - Valor Econômico – Empresas – 27/01/2011.....	13
Etanol.....	15
O Brasil deve investir mais em energia nuclear? – José Goldemberg – Folha de São Paulo – Tendências e Debates – 22/01/2011.....	15
NÃO	15
O Brasil deve investir mais em energia nuclear? – Leonam dos Santos Guimarães – Folha de São Paulo – Tendências e Debates – 22/01/2011	16
Ancorado nas vendas no país, etanol poderá ficar mais caro – Valor Econômico – Agronegócios – 11/01/2011	18

Biodiesel

Mistura eleva preço do diesel, diz entidade - RODRIGO VARGAS – Folha de São Paulo – Mercado – 18/01/2011

A mistura obrigatória feita com o biodiesel provocou o aumento médio de 2% registrado no litro do diesel nos postos pelo país desde o começo do ano, afirma a Fecombustíveis (Federação Nacional do Comércio de Combustíveis e de Lubrificantes). Segundo a entidade, o litro do biodiesel puro, sem impostos, custa hoje quase o dobro do litro do diesel puro.

Em 2010, o percentual do biocombustível na mistura -obrigatória desde 2008- passou de 4% para 5%.

SOJA

A alta nos preços da soja, que representa 80,6% da matéria-prima para a produção do biocombustível, é um dos fatores que pressionam os preços do diesel rodoviário.

No último leilão da ANP (Agência Nacional do Petróleo), o preço do litro do biodiesel para entrega em janeiro e março deste ano subiu de R\$ 1,74 para R\$ 2,30. "O preço do petróleo não sofreu alteração que justificasse qualquer reajuste no começo de ano. O fato é que, com a mistura do óleo vegetal, o preço final agora depende também de condições climáticas, da cotação da soja no mercado internacional", diz Paulo Soares, presidente da Fecombustíveis.

De acordo com a ANP, a produção de biodiesel no país passou de 1,6 bilhão de litros em 2009 para 2,2 bilhões no ano passado.

Em seu site, a agência diz que a adição do biocombustível traz economia ao país.

"Em 2008, o uso do biodiesel evitou a importação de 1,1 bilhão de litros de diesel de petróleo, resultando numa economia de aproximadamente US\$ 976 milhões."

A Fecombustíveis, porém, reclama que a mistura aumentou o custo operacional dos revendedores. Diz que o óleo vegetal absorve mais umidade, o que exige manutenção constante nos tanques, e que não foi definido um padrão de qualidade. Para Rodrigo Guerra, secretário do Sindicato das Indústrias de Biodiesel de Mato Grosso, entidade que reúne 16 usinas, atribuir à mistura do biodiesel a "culpa" pela alta nos preços é "uma inconsequência".

"Considerando o percentual de 5% de mistura, diria que o biodiesel é um dos fatores menos prováveis para justificar uma alteração relevante no preço do diesel." A Petrobras, por meio de sua assessoria, disse que não iria comentar as afirmações. A ANP afirma que não tem interferência sobre os preços em vigor no mercado.

ETH e Fapesp fazem parceria para realizar pesquisa em energia limpa – Folha de São Paulo – Mercado – 19/01/2011

A ETH Bioenergia, braço do grupo Odebrecht para a produção e a comercialização de etanol, energia elétrica e açúcar, firmará parceria com a Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) para realizar pesquisas em energia limpa.

A iniciativa inclui o apoio a alunos e professores das universidades conveniadas à Fapesp para pesquisas científicas. Trata-se da primeira parceria entre usina e universidades em assuntos agrícolas com ênfase em tecnologia limpa.

O convênio -que tem os termos sujeitos ainda à apreciação pelo conselho da Fapesp- tem duração prevista de cinco anos. A expectativa é que os investimentos em pesquisa cheguem a R\$ 10 milhões.

A ETH mantém sete unidades cogeneradoras de energia elétrica por meio do processamento do bagaço da cana.

Etanol

Volume de cana processada no centro-sul fica abaixo do previsto – Folha de São Paulo – Mercado – 19/01/2011

DE RIBEIRÃO PRETO - O volume de cana-de-açúcar processada na região centro-sul do país na safra 2010/2011 -praticamente finalizada- teve queda de 9% em relação ao previsto.

Foram 555 milhões de toneladas, ante os 610 milhões de toneladas estimados. O resultado também ficou abaixo da segunda previsão da safra, de 595 milhões de toneladas.

Os dados foram divulgados ontem pela Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), que representa as usinas.

Segundo o representante da Unica na região de Ribeirão Preto, Sérgio Prado, a forte estiagem atrapalhou o período de desenvolvimento das plantas -de junho a novembro. "Foram mais de cem dias sem chuva", disse.

Já em relação à safra anterior (2009/2010), o aumento no volume da moagem de cana foi de 2,41%.

Vacas leiteiras podem ajudar na produção de biocombustíveis – Luiz Gustavo Cristino – Folha de São Paulo – ciência – 31/01/2011

Estudo abre portas para produzir enzimas que quebram celulose

Elas dão o leite do café da manhã, alimentam os carnívoros, são endeusadas na Índia, e no futuro, aparentemente, também podem ter papel importante na produção de biocombustíveis.

É o que diz uma pesquisa da Universidade da Califórnia, em Berkeley (EUA). No trabalho, os cientistas conseguiram identificar e mapear geneticamente dezenas de micro-organismos que habitam o sistema digestivo dos ruminantes e são capazes de produzir enzimas para quebra da celulose.

O que motivou o estudo, com artigo publicado na revista científica "Science", foi um dos obstáculos para a produção em massa de biocombustíveis com 100% de pureza: o rendimento relativamente baixo das reações bioquímicas de quebra da celulose pelas enzimas utilizadas até o momento.

Para obter os micro-organismos desejados, os pesquisadores utilizaram duas vacas. Cirurgicamente, eles inseriram no rúmen dos animais-o primeiro "compartimento" do seu estômago-, uma espécie de gramínea, a *Panicum virgatum*.

Os micro-organismos que aderiram aos vegetais retirados após a incubação foram, então, analisados e mapeados geneticamente, graças a técnicas computacionais desenvolvidas pelos cientistas.

O computador determinou diversas sequências de RNA (uma cadeia produzida a partir do próprio DNA do indivíduo e responsável pela fabricação de proteínas) correspondentes à produção de enzimas específicas para a quebra da celulose.

Segundo os autores do estudo, o mapeamento genético desses micróbios abre portas para futuras pesquisas para produção em massa de novas enzimas que degradam a celulose, aumentando a eficiência e reduzindo o custo do processo.

Petrobras quer mais Tupi – Claudio Grandiole - Isto É Dinheiro – 07/01/2011

A empresa brasileira estaria de olho nas promissoras jazidas da Bacia de Santos, especialmente em campos como Tupi, onde ambas as companhias já atuam em parceria. O mercado não gostou da ideia de a Petrobras tirar dinheiro do bolso para comprar mais do que já tem. Por isso, as ações caíram 0,37% na terça-feira 4, quando a empresa confirmou as negociações. Nos dias seguintes, elas se recuperaram e subiram 0,78%. O que azedou os ânimos foi a perspectiva do cheque de E 3,5 bilhões a ser assinado por José Sergio Gabrielli para fechar o negócio.



Gabrielli, presidente: cheque polpudo

“Esse valor representa 20% do dinheiro que a Petrobras tem em caixa para seguir com seu plano de investimentos, incluindo o pré-sal”, diz Oswaldo Telles, analista-chefe da corretora Banif. Para ele, essa possível aquisição sinaliza que os campos mereceriam mais investimentos, o que torna o negócio positivo no longo prazo. O problema é que a estatal brasileira poderia ter de fazer mais uma captação de recursos, o que inundaria o mercado com ações. “Isso derrubaria as cotações, como ocorreu no ano passado”, diz Telles. O analista diz acreditar que o cenário vai ficar muito parecido com o de 2010.

RAIO X	
PETROBRAS PN (PETR4)	
Cotação*	R\$ 27,11
Preço máximo (52 semanas):	R\$ 36,18
Preço mínimo (52 semanas):	R\$ 23,59
Oscilação no mês:	-0,66%
Oscilação em 30 dias:	5,65%
Oscilação no ano:	-0,66%
Volatilidade (21 dias):	18,65%

Fonte: Economática. *Em 06/01/11

Destaque no pregão

BR Malls investe em novos shoppings

A BR Malls anunciou o aumento de participação em dois shoppings, um no Paraná e outro no interior de São Paulo. A empresa pagou R\$ 43 milhões por 30% do Shopping Crystal Plaza, na cidade de Curitiba, e elevou sua participação para 70%. Esta aquisição pode gerar R\$ 4,4 milhões de receita operacional bruta a mais para a companhia. No interior paulista, a BR Malls comprou 15,3% do Shopping Piracicaba, elevando sua participação para 34,4%. Este aumento de participação pode elevar em R\$ 3,4 milhões a receita operacional da empresa.



Palavra de analista

A notícia não deve ter um impacto tão grande nos papéis. Segundo a corretora Ativa, “com essas aquisições a BR Malls prossegue em sua estratégia de crescimento, expandido em 1,35% a Área Bruta Locável (ABL) própria.” Em relatório ao mercado, a corretora informa que a recomendação para os papéis da empresa, que subiram 60,80% em 2010, é neutra, com um preço alvo de R\$ 18,08 para as ações até dezembro de 2011.

Imóveis

Rodobens ganha com o Minha Casa

A unidade de negócios imobiliários da Rodobens informou que os lançamentos do quarto trimestre de 2010 somaram R\$ 489 milhões em Valor Geral de Venda (VGV), com 6.665 unidades. O número representa os lançamentos exclusivos da empresa. Desse total, 77% são do programa Minha Casa Minha Vida. No ano, as vendas, ainda sujeitas a correções, foram de 16,2 mil unidades e atingiram R\$ 1,1 bilhão, um

crescimento de 83% em relação ao ano anterior. Em 2010, as ações da empresa caíram 6,1%, após terem acumulado alta de 137,3% em 2009.



Maiores altas da semana

MAIORES ALTAS DA SEMANA

Ação	Setor	%
PETTENATI PN	Varejo	13,64
KLABIN S/A ON	Papel/Celulose	11,88
SPRINGER ON	Indústria	10,51
CC DES IMOB ON	Imobiliário	9,56
UNIPAR PNB NI	Petroquímico	8,77

Maiores baixas da semana

MAIORES BAIXAS DA SEMANA

Ação	Setor	%
TELEBRAS ON	Telecom	-5,39
S.MARTINHO ON	Varejo	-6,04
G.SHOPP ON	Imobiliário	-6,23
MULTIPLAN ON	Imobiliário	-6,65
SPRINGER PNA	Industrial	-7,50

Fonte: Austin Rating * De 29 de dezembro a 5 de janeiro



As 10 mais negociadas do Ibovespa

AS 10 MAIS NEGOCIADAS DO IBOVESPA

Ação	Cotação (R\$)*	% mês	% ano	% 12 meses	P/L
Vale PNA	51.32	5.8	5.8	16.3	11.8
Petrobras PN	27.11	-0.7	-0.7	-25.1	7.3
OGX Petróleo ON	20.67	3.4	3.4	15.2	-1.634.5
Itaú Unibanco PN	39.64	0.2	0.2	1.6	14.2
BM&FBovespa ON	13.32	1.4	1.4	2.8	24.2
Gerdau PN	24.04	6	6	-19.4	13.5
Bradesco PN	33.05	1.3	1.3	11	13.5
Usiminas PNA	20.25	5.7	5.7	-18.8	11.9
Petrobras ON	30.45	-0.3	-0.3	-24.9	8.2
Vale ON	58.44	5.6	5.6	12.1	13.5

Fonte: Economática * 06/01/2011

Desempenho das empresas por setor de atividade econômica

	MELHOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
	Consumo e Varejo	9,23	156,70
	Industrial	-0,15	31,36
	Petróleo e Gás	13,25	27,20
	Petroquímico	7,69	20,10
	Mineração	2,90	12,54
	PIOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
	Siderúrgico	6,81	2,10
	Imobiliário e Construção	-2,00	0,27
	Financeiro	-3,91	-48,79
	Tecnologia e Internet	-5,19	-62,54
	Papel e Celulose	-9,81	-70,17

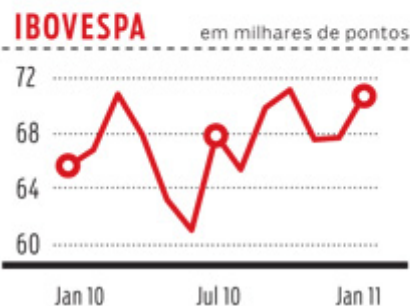
Fonte: Austin Rating

Termômetro do mercado

TERMÔMETRO DO MERCADO

O IBOVESPA EM UM ANO *	PONTOS
Ibovespa	70.578*
Máxima	73.103
Mínima	57.633

Fonte: Economática * Até 06/01/2011



Bolsa no mundo

BOLSA NO MUNDO

05/01/11			COTAÇÃO (MOEDA LOCAL)			VARIAÇÃO (US\$)	
Mercado	Índice	Pontos	% mês	% ano	% 12 m.	% mês	% ano
Brasil	Ibovespa	71.091	2,58%	2,58%	1,21%	2,27%	2,27%
Brasil	IBrX	22.819	2,61%	2,61%	2,77%	2,29%	2,29%
EUA	Dow Jones	11.723	1,26%	1,26%	10,89%	1,26%	1,26%
EUA	Nasdaq	2.702	1,86%	1,86%	17,04%	1,86%	1,86%
Japão	Nikkei	10.381	1,48%	1,48%	-2,82%	-0,81%	-0,81%
China	CSI 300	3.176	1,52%	1,52%	-3,25%	1,32%	1,32%
Alemanha	DAX 30	6.940	0,37%	0,37%	15,05%	1,89%	1,89%
França	CAC 40	3.905	2,62%	2,62%	-2,70%	4,18%	4,18%
Reino Unido	UKX	6.044	2,44%	2,44%	9,44%	3,99%	3,99%

Fonte: Austin Rating

Uma safra de cana ainda mais magra - Fabiana Batista - Valor Econômico – Agronegócios – 19/01/2011

Agroenergia

A União da Indústria da Canadeaçúcar (Unica), que representa as usinas sucroalcooleiras da região Centro-Sul do país, anunciou ontem uma safra 2010/11 ainda mais magra do que a esperada: foram processadas 555 milhões de toneladas de cana-de-açúcar no acumulado da temporada até a segunda quinzena de dezembro. Daqui até o início da próxima temporada restarão, segundo a Unica, volumes apenas marginais, pois poucas usinas (21 unidades) ainda continuam a moer em janeiro.

Se comparada com a previsão inicial para a safra, feita em abril, a quebra foi de 6,7%, ou seja, 40 milhões de toneladas de cana a menos foram moídas. A “compensação” veio da alta concentração de Açúcar Total Recuperável (ATR) — de 141,28 quilos por tonelada, 7,79% maior do que na safra anterior.

Essa qualidade minimizou o efeito na produção de açúcar, que recuou 2% para 33,4 milhões de toneladas, e na de etanol, que diminuiu 6,9% para 25,2 bilhões de litros. Essas quedas também são em relação à previsão inicial.

Mais do que a constatação do que de fato foi realizado, os números da Unica ajudam a entender o que pode acontecer no próximo ciclo, que começa em abril, diz Gustavo Corrêa, sócio da F&G Agro, de Ribeirão Preto (SP). A consultoria prevê que o processamento em 2011/12 no CentroSul ficará entre 530 milhões e 560 milhões de toneladas.

“O que ocorreu em 2010/11 não foi consequência apenas da estiagem do segundo semestre do ano passado”, afirma Corrêa. Houve também, explica ele, falta de cana-de-açúcar no mercado. “As unidades produtoras contabilizaram sua moagem a partir do que iriam receber de cana dos fornecedores. Mas parte dessa cana não existia. Os investimentos não foram feitos”, diz.

Poucos deles estão na “ponta da agulha” para gerar cana nova já na próxima safra, que começa em abril, acredita o especialista. “Até mesmo para 2012 não haverá um volume grande de cana nova”, diz. Para que isso pudesse acontecer, a área a ser cultivada já teria de estar arrendada e preparada, o que acontece em pequeno volume neste momento, afirma. “De forma geral, a renovação está ocorrendo marginalmente em usinas que estão ampliando a capacidade”, afirma. A expansão de canaviais em regiões novas, segundo ele, deve se limitar a cerca de 3% da área do Centro-Sul.

Custo da cana varia até 41% em São Paulo - Fabiana Batista - Valor Econômico – Agronegócios – 26/01/2011

Em estudo mais abrangente já realizado na área, IEA apura gastos entre R\$ 32 a R\$ 45 por tonelada

Em um trabalho que levou quase dois anos, o Instituto de Economia Agrícola (IEA), órgão ligado à Secretaria de Agricultura de São Paulo, levantou os custos de produção de fornecedores de canadeaçúcar de todas as regiões de São Paulo, desde as

mais tradicionais, como Ribeirão Preto e Piracicaba, até as mais novas em cana, como Catanduva e Jaú. O trabalho, considerado o mais abrangente já feito nessa área, verificou que as diferenças entre os custos chegam a até 41%, variando de R\$ 32,08 por tonelada a R\$ 45,42.

Mais do que um ineditismo geográfico, o trabalho conseguiu incorporar os diversos sistemas de produção que se multiplicaram nos últimos anos como reação a uma demanda contraditória no setor: aliar o aumento das exigências ambientais e trabalhistas com a necessidade de reduzir custos, diz a pesquisadora do IEA, Marli Dias Mascarenhas de Oliveira.

No estudo, um calhamaço de mais de 90 páginas, foram encontrados nada menos do que sete formatos de produção diferentes, que contemplam os já tradicionais, nos quais o fornecedor planta a cana e a usina colhe, e os mais inovadores, como o de compartilhamento de máquinas e mão de obra. A pesquisa calculou custos de fornecedores em todas as seis principais regiões produtoras de cana-de-açúcar do Estado: Araçatuba, Assis, Catanduva, Jaú, Piracicaba e Ribeirão Preto.

No centro da questão “c u s t o” estão a colheita e o transporte, também conhecidos como CCT (corte, carregamento e transporte). São esses itens que pesam no bolso do produtor e chegam a responder por mais de 50% do custo total da gramínea. Mas o IEA botou tudo na ponta do lápis e chegou à conclusão de que essa participação do CCT também varia bastante e fica entre 52,8% e 66% dependendo da região e do sistema de produção adotado.

Entre as combinações mais competitivas está a de colheita feita pelos produtores, mas no sistema de condomínio, diz Marli. Por meio deles, os fornecedores compram máquinas e equipamentos para colher e organizam a logística para atender à área de todos os fornecedores-condôminos.

Na região de Jaú, por exemplo, a colheita mecânica feita nesse regime resultou em um custo total de produção de cana de R\$ 32,75. Na mesma localidade, o valor sobe para R\$ 39,30 se o serviço de colheita for prestado pela usina. Esse tipo de organização, explica Marli, está mais presente nas regiões novas em cana, como Jaú e Catanduva. Nelas, a relação entre usina e fornecedor é mais recente, por isso, o comportamento é diferente, afirma a pesquisadora.

Outra questão que fomentou nessa região a expansão dos condomínios foi a pouca concorrência entre usinas. Com menos indústrias para disputar a cana, os valores cobrados por serviços, como colheita mecanizada, subiram, explica Kátia Nachiluk, também autora da pesquisa. De acordo com o estudo, em Jaú, o custo da cana ao produtor sobe para R\$ 39,30 com colheita mecânica feita pela usina e para R\$ 40,01 quando esta presta serviço de colheita manual. Ambos os sistemas estão entre os valores mais altos encontrados no Estado.

Já em Ribeirão Preto, quando a colheita com máquinas é feita pela usina, o custo do fornecedor por tonelada é de R\$ 34,76, quase R\$ 5 menos do que na mesma modalidade em Jaú. Além da relação usinafornecedor ser mais tradicional em Ribeirão, essa diferença de preço se deve, segundo Katia, ao fato de na região haver uma concentração maior de usinas que “disputam” o fornecedor de cana, o que gera vantagens ao produtor.

Outros sistemas alternativos apresentam crescimento, como a terceirização da colheita com a contratação de empresas especializadas. Em Araçatuba, o custo total da cana nessa modalidade foi também um dos mais baixos — R\$ 32,08 por tonelada. O estudo do IEA estará disponível no site do instituto no dia 31 de janeiro.

POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS

Biodiesel

Biodiesel já poupa divisas de US\$ 1,4 bi - Mônica Scaramuzzo - Valor Econômico – Capa – 27/01/2011

A mistura de biodiesel no diesel já tem efeito positivo na balança comercial. O consumo desse biocombustível respondeu por 30% do volume de diesel mineral importado pelo país no ano passado. A legislação brasileira exige mistura de 5% de biodiesel, percentual que deve subir para 10% em 2014 e 20% em 2020.

No ano passado, o consumo de biodiesel totalizou 2,5 bilhões de litros, com crescimento de 56% em relação a 2009. Com isso, o país deixou de importar diretamente 2,5 bilhões de litros de diesel, evitando gastos em torno de US\$ 1,4 bilhão. Ainda assim, foram importados 9,1 bilhões de litros de diesel em 2010, com despesas totais de US\$ 5,131 bilhões.

O país já tem 63 usinas produtoras de biodiesel, construídas com investimentos de R\$ 4 bilhões. Página B1

Consumo de biodiesel cresce no país - Mônica Scaramuzzo - Valor Econômico – Empresas – 27/01/2011

Mistura obrigatória de 5% reduz a dependência de importação do óleo diesel

A mistura de biodiesel no óleo diesel já começa a surtir efeito positivo na balança comercial brasileira. No ano passado, o consumo obrigatório do produto estabelecido em 5% pelo governo (conhecido como programa B5) respondeu por cerca de 30% do volume total importado pelo Brasil de diesel para atender à demanda no país. Em 2009, essa proporção chegou a 50%, mas as importações do diesel foram bem menores, por conta da crise financeira global.

A expectativa é de que a dependência de importação de diesel no país recue aos poucos, até zerar nos próximos seis anos, considerando que a mistura do biodiesel no combustível aumente para 10% em 2014 e alcance 20% em 2020, além da instalação de

novas refinarias no país pela Petrobras até 2017, segundo informações da estatal.

No ano passado, o consumo nacional de biodiesel totalizou 2,5 bilhões de litros, crescimento de 56% sobre 2009, reflexo da obrigatoriedade de utilização de 5% do produto no diesel estabelecida pelo governo no início de 2010, informou Sérgio Beltrão, diretor-executivo da Ubrabio (União Brasileiro de Biodiesel). Por conta dessa política, o país deixou de importar diretamente o mesmo volume consumido de diesel, evitando gastos diretos em torno de US\$ 1,4 bilhão. Até 2008, a mistura era facultativa e começou com 2% em 2005. Criado para ter o mesmo status que o Proálcool, que em meados dos anos 1970 revolucionou o mercado brasileiro de combustíveis, o programa de mistura do biodiesel, ainda que a passos lentos, começa a ganhar espaço.

No ano passado, o Brasil importou 9,1 bilhões de litros de diesel para suprir suas necessidades. Os gastos foram de US\$ 5,131 bilhões, de acordo com dados do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio (Mdic). O consumo total de diesel totalizou em 2010 cerca de 49,7 bilhões de litros, um aumento de 12,7% de acordo com estimativas do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e Lubrificantes (Sindicom).

Esse salto no consumo, depois de dois anos de estagnação por conta da crise econômica mundial, ocorreu com a recuperação da economia nacional. Em 2009, a importação do diesel foi de 3,5 bilhões de litros, de acordo com dados da Agência Nacional de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (ANP), quando o consumo total no país ficou em 44,3 bilhões de litros. “O aumento de consumo do diesel está ligado diretamente ao PIB. A economia deu sinais claros de recuperação no ano passado, com maior transporte de mercadorias”, afirmou Alísio Vaz, diretor do Sindicom. Cerca de 90% do diesel consumido no país é utilizado em transporte, sobretudo de caminhões e ferrovias.

Com investimentos de cerca de R\$ 4 bilhões nos últimos anos, o país conta com 63 usinas produtoras do biocombustível. A Petrobras é dona de três usinas e tem participação em uma quarta unidade. Apesar dos tropeços no início de sua implantação, o mercado de biodiesel começa a amadurecer. O setor aguarda novo marco regulatório para que a mistura de 10% seja efetivada até 2014 e aumente para 20% em 2020. “Temos avanços em relação à obrigatoriedade da mistura de 5%, que estava prevista somente para 2013, mas foi antecipada para o ano passado”, observou Beltrão.

Para o Sindicom, uma nova elevação da mistura tem de ser discutida, antes de sua implementação. “Somos a favor da revisão ampla, antes das mudanças”, afirmou Vaz. Ele lembra que os custos da mistura de biodiesel por litro são até R\$ 0,07 maiores, por conta da logística de se transportar o biodiesel até as distribuidoras de combustíveis.

Assim como o Proálcool no início de sua implementação, o programa do biodiesel, criado em 2005, é controlado pelo governo. As compras do produto são feitas 100% pela Petrobras via leilão, coordenado pela ANP. No caso do etanol, o governo não intervém diretamente nesse setor desde os anos 1990. A mistura obrigatória do etanol anidro na gasolina é de 25% e o etanol hidratado é utilizado diretamente como combustível no automóvel. “A diferença do biodiesel em relação ao etanol é que o impacto do produto na balança comercial é bem maior, uma vez que o Brasil importa pouco álcool”, disse Beltrão.

Estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostra que a capacidade instalada de produção de biodiesel no país está em torno de 5,1 bilhões de litros. A demanda para atender a mistura de 20% até 2020 é estimada em 14,3 bilhões de litros, com investimentos em torno de R\$ 7,3 bilhões. “Hoje, todo biodiesel produzido é consumido para viabilizar a mistura. As usinas não acumulam estoques”, disse Beltrão.

A soja responde por mais de 80% da matéria-prima para a produção do

biocombustível. Neste ano, Beltrão disse que a expectativa é de que o Brasil se torne o terceiro maior produtor global de biodiesel, ficando somente à frente da Alemanha e França.

Etanol

O Brasil deve investir mais em energia nuclear? – José Goldemberg – Folha de São Paulo – Tendências e Debates – 22/01/2011

NÃO

Potencial hidroelétrico não está esgotado

A opção de geração de eletricidade com energia nuclear foi estimulada pelos governos de vários países que não tinham muitas outras opções, como nos casos da França, do Japão, da ex-União Soviética e dos Estados Unidos, que desejavam se libertar da dependência da importação de gás e petróleo.

Ela teve sua época de ouro durante a década de 1970, mas, a partir de 1985, praticamente estagnou no mundo todo; hoje, ela representa aproximadamente 15% da eletricidade usada no mundo; apenas em alguns países, como França e Japão, representa fração maior.

Os demais 85% provêm de outras fontes, como carvão, energia hidroelétrica e, mais recentemente, as energias renováveis (vento, energia solar e biomassa). Quais as razões para tal? Em primeiro lugar, as preocupações com a segurança dos reatores nucleares, que foi seriamente abalada com os acidentes de Three Mile Island (nos Estados Unidos) e Chernobyl (na ex-União Soviética).

Com outras tecnologias para produzir eletricidade também ocorrem acidentes (como incêndios ou ruptura de barragens em reservatórios de usinas hidroelétricas), mas acidentes nucleares que espalham radioatividade podem ser muito mais graves, como se viu em Chernobyl, onde até hoje centenas de quilômetros quadrados em torno da usina estão interditados.

Questões não resolvidas sobre como armazenar o "lixo nuclear" contribuem para o problema.

Em segundo lugar, custos. Energia nuclear é tecnologia complexa e cara, e ficou ainda mais cara e deixou de ser competitiva em relação a outras fontes de energia com os gastos para melhorar o desempenho e a segurança dos reatores nucleares. De modo geral, só empresas estatais constroem reatores nucleares, ou empresas privadas com fortes subsídios governamentais.

Finalmente, as visões ultrapassadas do "Brasil grande" de que o domínio da energia nuclear era o "passaporte para o futuro", como se ela fosse a única capaz de fazê-lo.

O Brasil, há 35 anos, no governo Geisel, se viu diante desses dilemas e quase embarcou num projeto de se tornar um país "nuclear", com dezenas de reatores nucleares.

Felizmente, o bom senso prevaleceu, porque os cientistas brasileiros, por meio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, alertaram o governo de que o país tinha outras opções melhores para produzir a energia elétrica de que necessitava. Sem esses alertas, a usina hidroelétrica de Itaipu não seria construída, pois os recursos seriam desviados para usinas nucleares, como nos confundiu em 1992 o general Costa Cavalcante, que, em 1975, era presidente da Eletrobras.

Passados 35 anos, a situação não mudou muito. O país ainda tem amplas oportunidades de produzir energia elétrica a partir de fontes renováveis e não poluentes, como a energia hidroelétrica, cujo potencial ainda está longe de estar esgotado, além de outras opções, como bagaço de cana, em São Paulo, e energia eólica, no Norte do país.

O fato de as usinas nucleares não emitirem "gases de efeito estufa" pode ser uma vantagem na Inglaterra, onde energia elétrica é gerada com carvão, mas não no Brasil, onde as energias renováveis também não emitem esses gases.

Não há, portanto, razões para investir mais em energia nuclear no Brasil, a não ser para acompanhar os desenvolvimentos tecnológicos dessa área.

JOSÉ GOLDEMBERG, 82, doutor em ciências físicas pela USP, é professor do Instituto de Eletrotécnica e Energia da mesma universidade. Foi reitor da USP (1986-89), secretário da Ciência e Tecnologia da Presidência da República e ministro da Educação (governo Collor) e secretário de Meio Ambiente do Estado de São Paulo (2002-2006).

O Brasil deve investir mais em energia nuclear? – Leonam dos Santos Guimarães –
Folha de São Paulo – Tendências e Debates – 22/01/2011

SIM

Para desfrutar de segurança energética

As necessidades de geração de emprego e renda e as carências em educação, saúde, moradia, saneamento básico e transporte de massa da sociedade brasileira, que é 80% urbana, são bem conhecidas e se refletem nos nossos PIB e IDH. Todas as políticas públicas para vencer esses nossos grandes desafios requerem aumento no consumo de eletricidade.

Nosso consumo atual é de pouco mais de 2.000 kWh/ano por brasileiro e é menor que a média mundial. Está muito abaixo do patamar de 4.000 kWh/ano que caracteriza o mínimo dos países desenvolvidos, cujo IDH é superior a 0,9.

É bem menor do que o consumo de Chile e Argentina e é menos da metade dos países de desenvolvimento recente, como Portugal (4.500), Espanha (5.600) e Coreia do Sul (6.400).

Esse é um sintoma da imensa demanda reprimida do nosso povo, que não existe nos países desenvolvidos. Para eles, o grande desafio é a eficiência energética e a renovação do parque gerador para cumprir metas de redução de CO₂. O esforço de gerações de brasileiros construiu formidável parque hidroelétrico. A maior parte dessa energia limpa, barata e renovável foi construída em regiões onde a topografia era favorável a grandes reservatórios, minimizando o risco devido às sazonalidades do clima.

O progressivo aumento da demanda e condicionantes socioambientais cada vez mais restritivas têm feito com que o estoque de água nos reservatórios tenha se mantido quase constante desde meados da década de 1990, trazendo a crescente necessidade de complementação térmica para garantir a segurança do abastecimento, lição duramente aprendida no "apagão" de 2001.

Poderíamos dobrar nossa potência hidroelétrica atual tratando com muita racionalidade a questão socioambiental. Mas essa potência adicional não irá gerar a mesma quantidade de energia do parque existente, pois será composta por usinas "a fio d'água", com pequenos reservatórios.

Para atingir o patamar mínimo de país desenvolvido, precisaremos aproveitar todo esse potencial e expandir muito o parque eólico e de biomassa. Entretanto, só isso não será suficiente. Complementar a geração contínua na base do sistema e regular as sazonalidades intrínsecas às renováveis irá requerer algo como 15 usinas térmicas de 1.000 MW adicionais.

Para a parcela dessa complementação que operará na base, a geração nuclear e a carvão são aquelas de menor custo. Mas a nuclear é a única que não implica emissão de CO₂ e cujo combustível pode ser 100% nacional. Para a outra parcela que regula sazonalidades, o gás natural e o petróleo continuarão sendo indispensáveis.

A experiência obtida no projeto, na construção e na operação de Angra 1, 2 e 3 e uma das maiores reservas de urânio do mundo, com potencial energético comparável ao pré-sal, somadas ao domínio tecnológico do ciclo do combustível, fazem com que a energia nuclear no Brasil seja altamente competitiva.

Isso torna do maior interesse nacional uma ampla discussão no seio da sociedade, similar à do pré-sal, para definição das modalidades adequadas de exploração do urânio e da geração nuclear que permitam garantir autossuficiência e retorno social sustentável ao país.

Com investimento, planejamento, tecnologia e adequada gestão de todas as reservas nacionais, renováveis e não renováveis, nelas incluída a energia nuclear, nosso país poderá desfrutar neste século 21 de ampla segurança energética, gerando excedentes exportáveis e finalmente atingir o nível de desenvolvimento que todos desejamos.

LEONAM DOS SANTOS GUIMARÃES, engenheiro, mestre em engenharia nuclear e doutor em engenharia naval, é assistente da presidência da Eletrobras Eletronuclear e membro do Grupo Permanente de Assessoria do Diretor-Geral da AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica).

Ancorado nas vendas no país, etanol poderá ficar mais caro – Valor Econômico – Agronegócios – 11/01/2011

Agro energia Exportação patina, mas frota de carros flex puxa o consumo

Sem perspectivas concretas de aquecimento da demanda internacional, o etanol brasileiro continuará ancorado no mercado doméstico em 2011. E, com as vendas recordes de carros flex no país, analistas e empresas do segmento consideram que o consumo pode crescer, ainda que pouco, e que os preços médios do combustível tendem a subir 5%.

Em janeiro de 2010, a frota nacional de carros flex somava 9,6 milhões de unidades. No fim de dezembro, eram 12,5 milhões, segundo a Associação Nacional de Veículos Automotores (Anfavea). “A renda do consumidor também vem crescendo.

Talvez tenhamos um ligeiro aumento nas vendas de etanol”, afirma Alisio Mendes Vaz, vice-presidente do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e Lubrificantes (Sindicom).

Tarcilo Rodrigues, diretor da Bioagência, uma das principais comercializadoras de etanol do país, e presidente da Associação Internacional de Comércio de Etanol (IETHA), está entre os que preveem preço médio anual do etanol hidratado (utilizado diretamente nos tanques dos veículos) 5% mais elevado — em boa medida porque a produção em si, na melhor das hipóteses, deverá no máximo repetir o patamar da safra anterior (2010/11).

A manutenção da produção, por sua vez, está atrelada à previsão de oferta limitada de cana no ciclo 2011/12, após dois anos de menos investimentos agrícolas por parte das usinas e de uma prolongada estiagem no ano passado. Nesse contexto, avalia Plínio Nastari, da consultoria D a t a g r o, açúcar e álcool terão de “brigar ” por matéria-prima, e o viés atual é mais açucareiro.

Com preços internacionais em máximas de quase 30 anos, o açúcar tende a continuar liderando a preferência das usinas brasileiras.

“Em termos equivalentes a centavos por libra-peso, os preços do etanol variaram durante a safra [2010/11] entre 18 e 20 centavos, enquanto os do açúcar, entre 25 e 34 centavos”, compara Nastari.

Assim, o esforço em prol do adoçante resultará em limites para o etanol. Em um cenário otimista, a produção na região Centro-Sul do país empatará a da safra 2010/11, que foi de 26,3 bilhões de litros.

É por isso que Rodrigues, da Bioagência, acredita que os preços poderão subir 5%. Na média da safra 2010/11 (entre abril e dezembro de 2010), o litro do hidratado ficou em R\$ 0,8695 no mercado de São Paulo (preço na usinas, sem impostos), segundo o Cepea/Esalq

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Lauro Mattei, Ademir A. Cazella e Claudia Job Schmitt

Assistentes de Pesquisa

Karina Kato, Silvia Zimmermann, Catia Grisa e Valdemar João Wesz Junior

Secretária

Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa

Apoio



actionaid



Ministério do
Desenvolvimento Agrário

